

DE CLÁUSULAS MATRIZES A CONSTRUÇÕES PARENTÉTICAS EPISTÊMICAS: UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL¹

*Cristina dos Santos Carvalho**

RESUMO

Adotando pressupostos teóricos da Linguística Centrada no Uso, este artigo analisa, sob uma perspectiva construcional, construções parentéticas epistêmicas de base clausal verbal portuguesas, em especial aquelas instanciadas por *(eu) acho que* e *(eu) acho*, quanto a níveis de esquematicidade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

PALAVRAS-CHAVE: Cláusulas matrizes; construções parentéticas epistêmicas; abordagem construcional.

Recebido em: 08 jun. 2017

Aprovado em: 20 set. 2017

Introdução

Os rótulos coordenação/subordinação são tratados de modo dicotômico pela tradição gramatical e a distinção entre esses dois termos é estabelecida com base na noção de *(in)dependência* semântica e/ou sintática. Conforme discutido em Carvalho (2004a, 2004b), inúmeros trabalhos já demonstraram a insuficiência desses dois rótulos para dar conta da classificação das diversas orações complexas que podem ocorrer nas línguas humanas. Ademais, o critério utilizado para se fazer a distinção entre coordena-

* Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - CAMPUS XIV (Conceição do Coité) / PPGEL (Salvador). Membro do Grupo de Pesquisa Fala e Contexto no Português Brasileiro – GconPort (UNEB).

ção e subordinação também se mostra insatisfatório, uma vez que a gramática tradicional considera, em termos semânticos e sintáticos, as orações coordenadas como independentes e as subordinadas como dependentes.

Outro ponto bastante questionado é que o rótulo subordinação, na ótica tradicional, reúne tipos de orações com diferentes estatutos semântico-sintáticos: as subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais, que são assim denominadas por desempenharem, na oração principal a que se vinculam, funções sintáticas próprias de substantivos, adjetivos e advérbios, respectivamente. Propostas funcionalistas, partindo de evidências empíricas, têm mostrado que tais orações não constituem um conjunto homogêneo, apresentando comportamentos distintos não só em relação às funções sintáticas desempenhadas mas também quanto ao grau de vinculação sintática.

Seguindo essa orientação teórica, Hopper e Traugott (2003 [1993], p. 177-178) propõem uma tipologização de orações complexas com base em um *continuum* que parte de polos que representam, da esquerda para a direita, níveis de menor e maior vinculação sintática entre cláusulas. Nesse *continuum*, os autores, abandonando a visão dicotômica da gramática tradicional, postularam três graus para o processo de combinação de orações e os caracterizam em termos da combinação dos traços formais *dependência* e *encaixamento* (1).

(1) *parataxe* [- dependente – encaixada] > *hipotaxe* [+ dependente – encaixada] > *subordinação* [+ dependente + encaixada]

Revisitada, então, a classificação tradicional, na proposta de Hopper e Traugott (2003 [1993]), tem-se que a parataxe compreende as sentenças justapostas e coordenadas e a hipotaxe, as sentenças apositivas e as adverbiais da gramática tradicional. A subordinação apenas se refere às cláusulas adjetivas restritivas e às substantivas: “as primeiras funcionam como modificadores de um nome da oração matriz; as últimas, como argumentos externos ou internos da matriz”, conforme exposto em Carvalho (2004a, p. 69; 2004b, p. 21). Observe-se, pois, que, nessa proposta, as tradicionais subordinadas são alocadas em diferentes pontos do *continuum* estabelecido.

Entre as orações mencionadas anteriormente, este trabalho, partindo da análise de sentenças complexas formadas por orações matrizes e subordinadas

que se configuram como argumentos internos de verbos de atividade mental ou epistêmicos, desempenhando a função sintática de objeto direto (2), centra sua atenção na instanciação de mudança das cláusulas matrizes para construções parentéticas epistêmicas (3).

(2) a. [...] minha irmã Ave Maria pra mim é tudo, minha irmã, minha mãe, meu pai, mas minha irmã assim, não sei se é por causa daquela proteção que eu dou demais a ela, mas **eu acho que vai prejudicar**, eu tenho certeza que um dia ela vai voltar tudo[...] (PB, séc. XX, PEPP, inf. 12, p. 2)

b. 41: [...] tinha passeio ali na escola que eu esqueci o nome, ainda existe, ali em Amaralina, aquele passeio.

DOC: Cupertino de Lacerda?

41:**Acho que** é, em frente ao mar, na praia (PB, séc. XX, PEPP, inf. 41, p. 8-9)

(3) a. [...] mas o meu lado de cá era bem pobre, de forma que a gente foi eh, passando né desse jeito, quando o meu pai morreu, *eu estava **acho que** com doze anos* aí eu fui morar com a minha tia lá no Rio Vermelho, foi aí que eu me realizei da, como assim o prazer de menino de, de conhecer o mar (PB, séc. XX, PEPP, inf. 14, p. 1)

b. 41: [...] a mãe dele deu um, mais moderno, é “tokia” é o nome??

DOC: Nokia

41: Ali, como ele não pode comprar aí falou com A... , ai A... quis, que falou que era menor do que o dela, *mais leve**eu**acho*. (PB, séc. XX PEPP, inf. 41, p. 8)

Construções parentéticas epistêmicas de base clausal verbal, em diferentes línguas, já foram alvo de investigação de muitos estudos sob o prisma da abordagem clássica da gramaticalização (THOMPSON; MULAC, 1991; GALVÃO, 1999; CEZARIO, 2001; CASSEB-GALVÃO; GONÇALVES, 2001; VOTRE, 2004; CARVALHO; SILVA, 2013; YOON, 2015; CAR-

VALHO, 2017). Neste trabalho, norteia-se por outra perspectiva teórica, a da Linguística Centrada no Uso, com ênfase na abordagem construcional da gramática e mudança linguística (BYBEE, 2010; MARTELOTTA, 2011, TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013, entre outros). Assume-se, em consonância com a proposta de Gonçalves (2015, p. 165) para os parentéticos epistêmicos de base clausal adjetival ((*é*) *claro/lógico*), que os de base verbal também podem ser investigados sob uma perspectiva construcional. Para tanto, utilizam-se dados reais de distintas sincronias - séculos XIX e XX - do português, extraídos do *Corpus* do Português³ e do Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado de Salvador (PEPP).⁴

Visando à descrição do objeto em estudo, este artigo está estruturado em três partes. Na primeira, apresenta-se uma caracterização de construções parentéticas, com destaque para as epistêmicas e sua relação com o processo de gramaticalização. Na segunda, discutem-se alguns pressupostos da Linguística Centrada no Uso concernentes à abordagem construcional da gramática e mudança linguística. Na terceira, procede-se a uma análise qualitativa de construções parentéticas epistêmicas de base clausal verbal quanto ao seu grau de esquematicidade. Em seguida, tecem-se considerações finais a respeito das evidências empíricas obtidas, sob a ótica construcional, sobre o fenômeno investigado.

CONSTRUÇÕES PARENTÉTICAS (EPISTÊMICAS) E GRAMATICALIZAÇÃO

Os parentéticos epistêmicos marcam o grau de conhecimento ou crença do falante no que é dito, expressando o seu julgamento sobre o valor de verdade da proposição e o seu (des)comprometimento em relação a essa verdade (GALVÃO, 1999; FITNEVA, 2001; VOTRE, 2004 etc). Tais construções ocorrem em distintas línguas, como ilustram *eu acho*, *I think* ('eu acho') e *creo*

³ Esse *corpus* reúne uma base de dados com textos representantes de diferentes gêneros, séculos e variedades do português (brasileira, europeia, angolana e moçambicana) e pode ser acessado em <http://www.corpusdoportugues.org/xp.asp?c=2>.

⁴ O PEPP é desenvolvido na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), sob a coordenação da professora Norma Lopes. O Banco de Dados desse projeto é composto por quarenta e oito entrevistas realizadas no período de 1998 a 2000. Acervo disponível em http://www.linguagemnacidade.com.br/index.asp?pagina=producao_cientifica1&categoria=38&subcategoria=18

(‘creio’), respectivamente, em (3b), (4) e (5).

(4) A man would never do that. Because, number one they pick out, ...
I think.. more vulnerable people.⁵

‘Um homem nunca faria isso. Porque, número um eles escolhem, ...
Eu acho... pessoas mais vulneráveis’.

(5) Somos hermanas del alma, **creo** (CREA, dados orais, México, 1999).⁶

‘Somos irmãs de alma, creio’.

Sobre exemplos como (4) e (5), Yoon (2015, p. 339) explica que os significados dos verbos da cláusula matriz tornam-se atenuados e essa cláusula, sem o complementizador, passa a funcionar como um sintagma adverbial. Retomando Thompson (2002), Yoon (2015, p. 339) afirma que, nesse contexto sintático, a oração completiva prevalece sobre a oração que deixa de ser matriz e passa a fornecer uma posição do falante em relação ao que é exposto na completiva. Note-se que as explicações dadas pelo autor para os usos de *I think* e *creo*, respectivamente em (4) e (5), também são válidas para o emprego de *eu acho* em (3b).

Na literatura, construções parentéticas epistêmicas têm recebido várias denominações: cláusulas comentário, marcadores pragmáticos (ou, mais especificamente, marcadores clausais pragmáticos), cláusulas parentéticas reduzidas, entre outras (FISCHER, 2007; BRINTON, 2008; KALTENBÖCK, 2015 etc.).

Algumas definições de marcador pragmático fazem inclusive referência à sua função parentética: “um item fonologicamente curto que não está sintaticamente conectado ao resto da cláusula (ou seja, é parentético), e tem pouco ou nenhum significado referencial, mas serve a propósitos pragmáticos ou procedurais” (BRINTON, 2008, p. 1).⁷

Em virtude dessa falta de conexão sintática com a cláusula *host* (“cláusula âncora”), parentéticos, de acordo com Brinton (2008, p. 7-8), têm sido des-

⁵ Exemplo de Kärkkäinen (2007 *apud* YOON, 2015, p. 339).

⁶ Exemplo de Yoon (2015, p. 339).

⁷ A pragmatic marker is defined as a phonologically short item that is not syntactically connected to the rest of the clause (i.e., is parenthetical), and has little or no referential meaning but serves pragmatic or procedural purposes (BRINTON, 2008, p. 1).

critos, do ponto de vista sintático, não só como não integrados mas também como periféricos, independentes, frouxamente articulados. Essa característica dos parentéticos ainda vai implicar outra propriedade também sintática, a sua mobilidade posicional: parentéticos tendem, então, a ocorrer em posições intercalada e final, comportando-se como se fossem advérbios sentenciais. Sobre essa questão, Brinton (2008, p. 12) faz a seguinte afirmação: “Na posição não inicial, formas como *I think* [‘eu acho’] ou *you know* [‘você sabe’] são inequivocamente parentéticas [...]. Na posição inicial, o *status* de tais formas é sintaticamente indeterminado entre as cláusulas matrizes (com *that* apagado) e as verdadeiras parentéticas”.⁸

Além de apresentar as propriedades sintáticas dos parentéticos, a autora também menciona as suas características quanto a aspectos prosódicos e semânticos. Segundo Brinton (2008, p. 8), do ponto de vista prosódico, os parentéticos não formam uma unidade entonacional com as cláusulas *host* ou âncora; daí serem marcados pela referida entonação de vírgula, que se traduz, na fala, através de pausas e, na escrita, através das próprias vírgulas. Semanticamente, os parentéticos também são independentes: não fornecem a informação principal da mensagem embora mantenham relação com ela; assim, dão informação de segunda ordem, uma reflexão, um comentário, uma avaliação sobre a cláusula âncora (PALACAS, 1989 *apud* BRINTON, 2008, p. 8).

Ainda quanto ao aspecto semântico de parentéticos, Kalténböck (2015, p.118), ao investigar cláusulas matrizes que se gramaticalizaram em unidades formulaicas, esclarece que estruturas como *I think* “normalmente têm baixa informação, *status* secundário devido à natureza semanticamente esvaziada e sua função ‘relacional’ como qualificação epistêmica da cláusula de complemento seguinte”.⁹ Não se pode esquecer, no entanto, que, se há perda semântica, ao mesmo tempo, ocorre aumento na função pragmática, fator relevante para o processo de gramaticalização de uma determinada construção.

⁸ In non-initial position, forms such as *I think* or *you know* are unambiguously parenthetical [...]. In initial position, the status of such forms is syntactically indeterminate between matrix clauses (with *that* deleted) and true parentheticals (BRINTON, 2008, p. 12).

⁹ A complement-taking predicates as *I think* will normally have low-informational, secondary status owing to semantically bleached nature and its “relational” function as epistemic qualification of the following complement clause.” (KALTENBÖCK, 2015, p. 118)

Neste trabalho, entende-se a gramaticalização, nos mesmos moldes em que foi definida por Traugott (2009, p. 91), como uma “mudança através da qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam (parte de) uma construção com uma função gramatical, ou atribuem uma nova função gramatical a uma construção já gramatical”. Admite-se ainda, à esteira de Martelotta (2011), que, nesse processo, os elementos deixam de atuar no nível representacional¹⁰ para atuarem no nível interpessoal, que engloba “os chamados elementos processuais, os quais não têm exatamente aquela atribuição de caráter referencial, apresentando funções tradicionalmente definidas como gramaticais, funcionais ou interacionais, já que refletem o processo de criação do texto em diferentes situações de comunicação” (MARTELOTTA, 2011, p. 93). Entre esses elementos, segundo o autor, estão aqueles sintaticamente mais livres, que veiculam estratégias discursivo-pragmáticas, marcando a atitude do falante em relação ao conteúdo transmitido, como é o caso das construções parentéticas aqui analisadas.

Assim, sob a ótica da abordagem da gramaticalização, construções parentéticas epistêmicas instanciadas por *I think, I suppose, yo pienso, yo supongo, eu acho, eu creio* etc. têm sido consideradas, em diferentes línguas humanas, como casos de gramaticalização que ilustram uma trajetória de mudança de cláusula matriz para parentético epistêmico indicador da atitude do falante em relação a alguma informação veiculada.

No inglês, um estudo que se tornou clássico é o de Thompson e Mulac (1991), que propõe um *continuum*, ilustrado nos exemplos de (6a) a (6c), para o desenvolvimento de parentéticos epistêmicos a partir de sentenças complexas com cláusula matriz. Nos termos dos autores, nessa trajetória de gramaticalização, desempenham papéis importantes a omissão do complementizador (6b) e a sua mobilidade posicional (6c). Assim, (6b) já representaria um estágio de gramaticalização de (6a), sinalizando que *I think* deixa de operar como sentença matriz e passa a funcionar como uma expressão epistêmica semelhante a *maybe* ('talvez'), comportando-se como um advérbio sentencial (6c).

¹⁰ No nível representacional, atuam elementos que fazem referência a dados - objetos, entidades, sentimentos, ações, estados, qualidades e processos - do mundo bio-psíquico-social (MARTELOTTA, 2011, p. 92).

(6) a. **I think that**we're definitely moving towards being more technological.

'Eu acho que estamos definitivamente caminhando para sermos mais tecnológicos'.

b. **I think**Ø exercise is really beneficial.

'Eu acho que exercício é realmente benéfico'.

c. It's just your point of view you know what you like to do in your spare time **I think**.¹¹

'É apenas o seu ponto de vista, você sabe o que você gosta de fazer em seu tempo livre, eu acho'.

Ao descrever estudos anteriores sobre parentéticos epistêmicos, Fischer (2007) destaca a posição de Thompson e Mulac (1991) sobre o desenvolvimento dessas construções: (6a) e (6b) são caracterizadas como as construções "alvo" das quais derivou o parentético epistêmico (6c); (6b) ainda pode ser vista como uma construção "ponte" que torna possível a mudança; tendo se desenvolvido o parentético, ele pode ser colocado em qualquer lugar na sentença (6c) (FISCHER, 2007, p. 2). Vale ressaltar que essa observação de Fischer (2007) remete a um dos estágios contextuais propostos por Heine (2002, p. 84) como motivadores do processo de gramaticalização, o contexto ponte, no qual se instauram ambiguidades e inferências.

Ainda sobre a gramaticalização de *I think*, Brinton (2008, p. 58) explica que, nesse caso, gramaticalização é entendida como o resultado de uma correlação direta entre frequência, sujeitos na primeira pessoa do singular e ausência do complementizador *that*, introdutor de cláusulas complemento. Citando Benveniste (1971 [1958]), Brinton (2008, p. 221) também menciona que outros verbos do inglês na primeira pessoa do singular – *I believe* ('eu acredito'), *I suppose* ('eu suponho'), *I presume* ('eu presumo') e *I conclude* ('eu concluo') –, em comparação com outras pessoas gramaticais, também passaram pelo processo de gramaticalização, deixando de indicar uma "operação de pensamento" e passando a indicar uma "atitude" do falante em relação ao que é dito.

¹¹ Exemplos retirados de Thompson e Mulac (1991, p. 317).

Yoon (2015) analisa, no espanhol, a gramaticalização de diferentes grupos semânticos de verbos que, na primeira pessoa do singular, ocorrem sem complementizador e passam a funcionar como parentéticos. Entre esses verbos, o autor cita os verbos de cognição ou atividade mental¹² - *creer*, *pensar* e *suponer* - nos usos (yo) *creo* (5), (yo) *pienso* (7) e (yo) *supongo* (8) e esclarece que esses usos representam um alto grau de gramaticalização, em que os verbos são usados como parentéticos epistêmicos, ocorrendo livremente na posição intercalada e entre pausas (7) e na posição final, após uma pausa (8).

(7) La mujer tiene derecho, **yo pienso**, al trabajo, y a veces el deber, y además la necesidad en estas épocas, ¿verdad?(CREA, dados orais; conversação face a face /entrevista, Costa Rica)¹³

‘As mulheres têm direito, eu penso, para o trabalho, e às vezes o dever, e também a necessidade nestes tempos, certo?’

(8) Hay informaciones sociales o políticas que, de ser de dominio público, causarían una desestabilidad mayor, **supongo**. (CREA, jornal/revista, Mexico, 1996)

‘Há informações sociais ou políticas que, por serem do domínio público, causariam maior desestabilização, suponho’.

Em relação ao português do Brasil, foram realizados vários trabalhos - GALVÃO (1999), CEZARIO (2001), CASSEB-GALVÃO; GONÇALVES (2001), VOTRE (2004), CARVALHO; SILVA (2013), CARVALHO (2017) - que demonstraram a gramaticalização de *achar* em parentético epistêmico, no contexto de primeira pessoa do singular (doravante P1), na construção *eu acho*. Destaca-se a seguir um exemplo do estudo de Galvão (1999), que é considerado pioneiro no exame dessa construção no português brasileiro:

(9) São::... tribos assim que têm mais ou menos a mesma estrutura...todos no Alto Xingu **euacho**... Baixo não sei...e::: aí eu

¹² Além dos verbos de cognição, o autor investiga os verbos de comunicação (*decir* e *confesar*), volição e desejo (*esperar*, *rogar*, *desejar*, entre outros) e emoção (*lamentar*, *temer*).

¹³ Exemplos (7) e (8) extraídos de Yoon (2015, p. 344).

não entrei se tem algum sistema de hierarquia pajé é a mesma coisa? (NURC, F, 1))¹⁴

Tais trabalhos, tal como postulado para o inglês e o espanhol, consideram que *eu acho*, nesse contexto, comporta-se como um advérbio, o que se explica, nos termos de Carvalho (2017, p. 91), pelo valor de dúvida e pela possibilidade de deslocamento, na sentença, dessa construção. Nesse caso, tem-se o uso mais gramaticalizado de *eu acho*, que ilustra uma migração de elementos do domínio do léxico para o gramatical, mais especificamente, de uma construção verbal para um advérbio. Note-se que, de alguma forma, se estabelece uma correlação entre construção e contexto morfossintático (no caso, o de P1) ao se postular que é toda a construção - *eu acho* - que se gramaticaliza. Na próxima seção, serão apresentados fundamentos teóricos da Linguística Centrada no Uso que, partindo de outro tipo de correlação, atribuem um novo sentido à noção de construção.

Enquadre teórico: a linguística centrada no uso

Este trabalho se orienta pelo aporte teórico-metodológico da Linguística Centrada no Uso, que estabelece um diálogo entre pressupostos da Linguística Funcionalista norte-americana e da Linguística Cognitiva, no que se refere à abordagem construcional da gramática.

Tal diálogo tem sido possível sobretudo em função de pressupostos teórico-metodológicos que são compartilhados por essas duas correntes: “rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção entre léxico e gramática, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação” (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 14). Além desses pressupostos, outra assunção teórica comum diz respeito à concepção que se tem de gramática, vista como representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua, o que significa dizer que a gramática pode ser afetada pelo uso linguístico (BYBEE, 2010; FURTADO DA CUNHA; BISPO; SIL-

¹⁴ Exemplo de Galvão (1999, p. 70).

VA, 2013, dentre outros).

Rosário e Oliveira (2016, p. 235-239) caracterizam as versões clássica e contemporânea do funcionalismo norte-americano no que diz respeito ao estudo da mudança linguística. Consideram que a fase inicial dessa vertente teórica abrange pesquisas voltadas para análise da mudança categorial no nível da gramática, que remete aos estudos sobre gramaticalização de itens específicos, enfatizando-se suas propriedades funcionais ou sua trajetória de mudança. Isso representa o que Rosário e Oliveira (2016, p. 235) chamam de *versão clássica* do funcionalismo. Nessa fase, minimiza-se a dimensão contextual em que o item ocorre uma vez que “ainda que se faça referência à importância de aspectos contextuais na mudança por gramaticalização, tal menção não é acompanhada por maior rigor ou critério, no sentido de que se definam e especifiquem, de fato, as propriedades do contexto em que determinado item é usado [...]” (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 235).

É essa justamente uma das diferenças de orientação teórico-metodológica que, nos termos de Rosário e Oliveira (2016, p. 236), vai marcar a versão clássica e a mais contemporânea do funcionalismo norte-americano (denominada de *linguística centrada no uso* ou *linguística cognitivo-funcional*), a qual amplia o seu objeto de estudo e passa a incorporar as relações contextuais nas suas análises.

Um dos postulados básicos da Linguística Centrada no Uso reside na asunção de que a estrutura linguística, além de derivar de processos cognitivos gerais, é criada enquanto a língua é usada; nessa perspectiva, a mudança é vista como a mudança em uso e o *locus* da mudança é o construto, uma instância de uso (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE. 2013). Outro pressuposto relacionado não só à mudança mas também à variação tem a ver com a não discretude das categorias linguísticas. A esse respeito, Cezario, Silva e Santos (2015, p. 230-231) afirmam: “Os estudos em Linguística Centrada no Uso postulam que as categorias linguísticas não são discretas. Isso significa que há sempre um contínuo entre as categorias, o que permite a variação na sincronia e a constante mudança ao longo do tempo”.

Nesse modelo teórico, orientando-se por abordagens construcionais da linguagem (GOLDBERG, 1995, 2003, 2013; CROFT, 2001; TRAU-

GOTT; TROUSDALE, 2013), a unidade básica da gramática é a construção e a linguagem, como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós e *links* entre os nós. Nesse caso, a gramática é vista como uma estrutura “holística”: nenhum nível de gramática é autônomo ou principal, o que significa considerar que semântica, morfossintaxe, fonologia e pragmática atuam juntos em uma construção (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 3). Em outras palavras, adotando-se uma perspectiva construcional, concebe-se a língua como um conjunto de construções específicas e hierarquizadas que, interconectadas, compõem uma ampla rede, na qual propriedades fonológicas, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas se encontram integradas (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 239).

Construções são, então, entendidas como pareamentos convencionais entre forma e função em diferentes níveis de complexidade e abstração (GOLDBERG, 1995, p. 4; 2003, p. 219; 2013, p. 17); nessa correlação, a forma representa propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas e a função compreende traços semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais (CROFT, 2001, p. 18; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 8).

Ainda levando-se em conta a correlação forma-função, no modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013), admite-se que dois tipos principais de mudança podem atuar em construções, as que afetam forma **ou** significado (mudanças construcionais) e forma **e** significado (construcionalização).

Traugott e Trousdale (2013, p. 22) definem construcionalização como a criação de um pareamento entre uma forma_{nova} e um significado_{novo}, ou seja, como o desenvolvimento de uma nova construção ou um novo nó na rede. Distinguem dois tipos de construcionalização: lexical/de conteúdo e gramatical/procedural, ilustrados, respectivamente, pelo desenvolvimento, no inglês, do nome *cupboard* (‘armário’) e do quantificador *lot of* (‘muitos’). Exemplos de construcionalização lexical e gramatical no português são citados por Cezario, Silva e Santos (2015, p. 232): “[...] a formação da construção *a gente* ou [ir+V] ou [dar +V-da] (como em “Vou dar uma lida no texto”) são casos de construções formadas pela construcionalização gramatical e *ônibus-pirata*, *chutar o balde*, *jogar X pela janela* são construções mais lexicais”.

Ao contrário da construcionalização, mudanças construcionais não envolvem a criação de um novo nó, configuram-se como mudanças isoladas

nos aspectos formais (fonológicos, morfológicos ou sintáticos) ou na função da construção. Traugott e Trousdale (2013, p. 27) advertem, no entanto, que há uma relação entre esses dois tipos de mudança, uma vez que mudanças construcionais podem preceder ou suceder uma gradual construcionalização, no que chamaram de mudanças pré-construcionalização (expansão pragmática, semantização dessa expansão, pequenas mudanças distribucionais etc) e pós-construcionalização (expansão de colocações, reduções fonológica e morfológica).

Tendo em vista esse novo direcionamento no que diz respeito ao tratamento da mudança linguística por Traugott e Trousdale (2013), Cezario, Silva e Santos (2015, p. 232) questionam qual a diferença entre o modelo proposto pelos autores e a abordagem da gramaticalização. Uma primeira resposta remete ao tipo de mudança investigado e ao escopo do conceito de construção nessas duas abordagens:

[...] o modelo de gramaticalização referia-se a um tipo [...] de mudança, qual seja, a mudança de um item menos gramatical para um item mais gramatical. Esse item podia ser analisado dentro de um contexto maior, chamado de construção, por alguns autores, mas esse conceito ainda não era o conceito de construção como pareamento forma-função [...]. No modelo de construcionalização/mudança construcional qualquer tipo de mudança linguística pode ser estudada, mas o foco recai na formação de construções da língua, na renovação das estruturas gramaticais (CEZARIO; SILVA; SANTOS, 2015, p. 232-233).

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Campos, Cezario e Alonso (2017, p. 137) advogam que, na visão da gramaticalização, a mudança é vista como unidirecional, percorrendo uma trajetória de itens menos gramaticais para mais gramaticais enquanto, na Linguística Centrada no Uso, os estudos da mudança linguística buscam dar conta da formação de construções; nesse caso, os autores entendem que, tal como postulado por Traugott e Trousdale (2013), “as mudanças acontecem a partir de uma série

de micro-passos de mudanças de forma e função”(CAMPOS; CEZARIO; ALONSO, 2017, p. 137).

Para este trabalho, interessa particularmente a proposta de abordagem construcional da mudança linguística de Traugott e Trousdale (2013), sobretudo no que diz respeito a um dos fatores - esquematicidade - envolvidos em vários tipos e estágios de mudança. Esse fator será definido e discutido, com base em usos reais de construções parentéticas epistêmicas do português com *(eu) acho (que)*, na próxima seção.

CONSTRUÇÕES PARENTÉTICAS EPISTÊMICAS DE BASE CLAUSAL VERBAL: PROPOSTA DE ANÁLISE QUANTO A GRAUS DE ESQUEMATICIDADE

As construções parentéticas epistêmicas aqui analisadas são consideradas de base verbal porque apresentam, na sua formação, um verbo epistêmico na primeira pessoa do singular: [(SUJ_{P1}) V_{Epist} (QUE)]_{Parent}. Assume-se que esse esquema representa um pareamento entre a forma [(SUJ_{P1}) V_{Epist} (QUE)] e a função semântico-pragmática de expressar incerteza e descomprometimento do falante em relação a alguma informação enunciada para o seu interlocutor (10), (11). Nesse caso, tem-se o que se denomina de parentéticos epistêmicos quase-asseverativos (CASTILHO; CASTILHO, 1996, p. 213).

(10)DOC: São próximos da idade sua?

19: São, uma tem, a mais velha tem vinte e nove, eu tenho vinte e sete, a outra tem vinte e dois, meu outro irmão tem vinte e quatro anos, a caçula tem ... tem dezesseis anos, e a encostada caçula tem vinte anos *e outra tem ... acho que é vinte e dois, vinte e três...* (PB, séc. XX, PEPP, inf. 19, p. 2)

(11) DOC: E você a, ainda hoje se encontra com ela? Já...

18: Encontro mas a raiva já passou já, *agora a gente é amigo, eu acho.* (PB, séc. XX, PEPP, inf. 18, p. 2)

Nos exemplos acima, os informantes demonstram, para os seus interlocutores, que não têm certeza a respeito da informação veiculada no que

diz respeito à idade da irmã (10) e ao fato da continuidade da amizade com alguém com quem brigou (11). Nos dois exemplos, há uma baixa adesão do falante em relação a todo o conteúdo proposicional (11) ou à parte dele (10).

Essas construções parentéticas verbais, assim como as adjetivais (FORTILLI; GONÇALVES, 2013, p. 100-101; GONÇALVES, 2015, p. 164-165), apresentam uma base clausal, já que constituem instanciações de mudanças de sentenças matrizes em cláusulas complexas. Vale ressaltar que, mesmo tendo uma base clausal, as construções parentéticas epistêmicas com predicadores verbais e adjetivais desempenham funções pragmáticas diferentes: enquanto as primeiras, como já foi dito, são quase-asseverativas, as últimas são asseverativas focalizadoras (12), tendo a função de “focalizar um conteúdo proposicional, ou apenas parte dele, e de marcar a atitude asseverativa do falante em relação ao conteúdo focalizado” (GONÇALVES, 2015, p. 179).

(12) a. Afora isso houve, **é claro**, a apresentação dos participantes. (*FSP; Renato Kramer: Refazenda, 20/07/2011*)

b. falamos “óh L. aconteceu isso isso e isso né?... nós fomos no Sarau... o teu noivo tava lá” –... aí ela ficou super furiosa... **CLA::ro** (AC 70, L. 110)

Como mencionado na introdução, neste trabalho, assume-se, com base na proposta de Gonçalves (2015) para os parentéticos epistêmicos de base clausal adjetival, que os de base verbal também podem ser descritos sob um viés construcional.

Para Bybee (2010, p. 28), novas construções são exemplares específicos de construções mais gerais existentes que assumem novas implicações pragmáticas, significados ou formas devido ao seu uso em contextos particulares. Nessa perspectiva, construções parentéticas epistêmicas de base clausal verbal podem ser consideradas exemplares específicos do esquema construcional $[[\text{SUJ V}]_{\text{Matriz Epist}} + [\text{Compl}] + [\text{S}]]$, formado por sentenças matrizes com sujeito e predicador verbal e completivas finitas em função de objeto direto, interligadas por complementizador, conforme ilustrado em (2).

Partindo dos pressupostos supracitados, defende-se que é possível fazer uma descrição de construções parentéticas epistêmicas de base clausal ver-

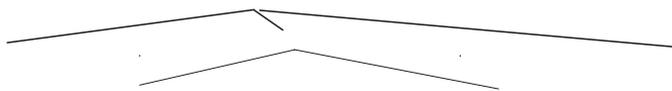
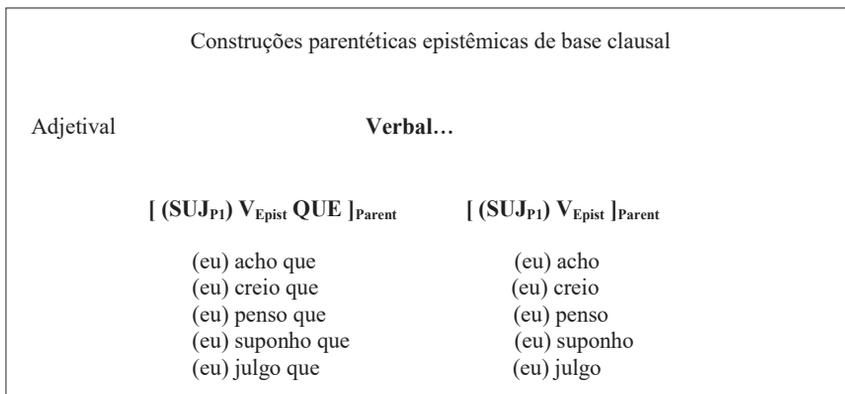
bal quanto a níveis de esquematicidade. Nos termos de Traugott e Trousdale (2013, p. 13-14), esquematicidade é a propriedade de categorização que crucialmente envolve abstração. Em outras palavras, um esquema é uma generalização taxonômica de categorias, linguísticas ou não. Quanto aos esquemas linguísticos, Traugott e Trousdale (2013, p. 14), os entendem como abstrações de conjuntos de construções - procedurais ou de conteúdo - percebidas (inconscientemente) por usuários da língua como intimamente relacionadas na rede construcional.

Nessa perspectiva teórica, os esquemas, no que concerne à sua configuração, são frequentemente discutidos em termos de *slots* preenchidos ou não. Nesse sentido, uma construção pode ser fonologicamente preenchida (substantiva), parcialmente preenchida (intermediária) ou formada completamente por *slots* “esquemáticos” abstratos (esquemática).

Estabelecendo-se uma correlação entre os tipos de construções citados anteriormente e as construções parentéticas epistêmicas aqui examinadas, considera-se que elas são intermediárias ou parcialmente esquemáticas, podendo ser representadas pelo esquema [(SU)_{P1}] V_{Epist} (QUE)], cujo *slot* verbal pode ser preenchido por diferentes predicadores verbais epistêmicos, entre esses, *achar, crer, supor, pensar* etc. Observe-se que o fato de, nesse esquema construcional, um dos elementos ser especificado como *que* justifica a classificação aqui adotada.

Buscando manter o foco na correlação forma-função, Traugott e Trousdale (2013, p. 16) propõem o seguinte conjunto de níveis de construção para descrição e análise da mudança construcional: esquemas, subesquemas e microconstruções. Os autores salientam que estas não são distinções absolutas e, ao longo do tempo, as relações entre os níveis podem mudar. Microconstruções, por sua vez, são instanciadas em uso por “construtos”. Com relação a esses níveis de construção, as construções parentéticas epistêmicas do português podem ser assim representadas quanto à sua hierarquia construcional (cf. figura 1).

Figura 1: Hierarquia construcional de construções epistêmicas de base clausal verbal



A figura 1 permite constatar que as construções parentéticas epistêmicas de base clausal verbal apresentam dois subesquemas - $[(\text{SUJ}_{\text{P1}}) \text{V}_{\text{Epist}} \text{QUE}]_{\text{Parent}}$ e $[(\text{SUJ}_{\text{P1}}) \text{V}_{\text{Epist}}]_{\text{Parent}}$ - que licenciam variadas microconstruções: respectivamente, *(eu) acho/creio/penso/suponho/julgo que* e *(eu) acho/creio/penso/suponho/julgo*. Entre essas, o foco de atenção deste trabalho recai naquelas instanciadas por *(eu) acho que* e *(eu) acho*, as quais parecem constituir os membros que mais prototipicamente representam a categoria.

Considera-se que o ponto de partida para o desenvolvimento de construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas de base clausal verbal foi a possibilidade de, em construções complexas, matrizes com verbos epistêmicos codificarem incerteza, o que já pode ser considerado uma mudança no seu significado (ou uma primeira mudança construcional). Tal possibilidade já é registrada no português do século XIX (13) e continua a ocorrer em séculos posteriores, por exemplo, no século XX (14).

(13) Augusto estava impaciente com a loquacidade da senhora de Alvapenha. - O Sr. Henrique de Souselas está em casa? - perguntou ele, logo que pôde. - Desejava muito falar-lhe. - Ai, sim? Quer falar com ele? ***Eu acho que..Parece-me.. sim, ele deve estar no quarto.. Há-de estara ler.*** Não tem outra vida aquele rapaz! Uma coisa assim! Por mais que eu lhe diga: « Henriquinho, olha que isso faz-te mal.. » (PE, séc. XIX, CP, romance A Morgadinha dos Canaviais, Júlio Dinis)

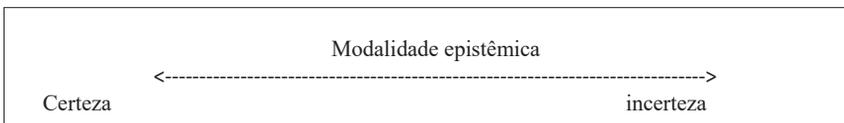
(14) DOC2: Gosta de filme policial?

34: Gosto, gosto sim. *Deixa eu ver, **eu acho que** foi quinta feira que eu vi na Globo um policial, quinta feira, foi.* (PB, séc. XX, PEPP, inf. 34, p. 9)

Ressalte-se que, em (13) e (14), as relações contextuais reforçam o valor de incerteza da construção complexa: em (13), na construção complexa, ocorre, além de *eu acho que*, expressões como *parece-me, deve estar, há de estar*; em (14), a construção complexa é antecedida pelo marcador discursivo *deixa eu ver*, que marca hesitação.

Nesse caso, parte-se da hipótese de existência de um *continuum* de modalidade epistêmica, como o ilustrado na figura 2, para se afirmar que apenas o esquema construcional $[[\text{SUJ V}]_{\text{Matriz Epist Incert}} + [\text{QUE}_{\text{Comp}}] + [\text{S}]]$ foi alvo de outras mudanças construcionais. Nesse *continuum*, tal esquema construcional estaria alocado mais à direita.

Figura 2: *Continuum* da modalidade epistêmica



(Elaborado com base em Neves, 1996; Galvão, 1999)

No esquema $[[\text{SUJ } V]_{\text{Matriz Epist Incert}} + [\text{QUE }_{\text{Compl}}] + [S]]$, tal como ocorre nas construções complexas com predicadores adjetivais epistêmicos (GONÇALVES, 2015, p. 178), há uma reanálise do complementizador **que**, da qual resulta um outro padrão construcional, em que o **que** se integra ao predicador da matriz. Além da reanálise do complementizador, esse padrão construcional adquire mobilidade sintática, passando a ocorrer em posição intercalada (3a), (15). Nesse contexto, entende-se que a expressão se encontra completamente entrincheirada e já há a emergência de uma construção parentética epistêmica quase-asseverativa que focaliza um determinado constituinte da sentença: $[(\text{SUJ}_{\text{p}_1}) V_{\text{Epist}} \text{QUE}]_{\text{Parent}}$.

(15) DOC: [...] então se você ainda não tem namorado diga ao seu pessoal que não fique angustiado não, não é? mas você conhece alguma amiga sua, alguém, assim da sua idade que já tenha filhos?
44: Conheço. Minha cunhada, ela tem a minha idade e já tem uma filha de um ano e **acho que** seis meses. (PB, séc. XX, PEPP, inf. 44, p. 11)

A mobilidade sintática adquirida parece, em um primeiro momento, fruto de uma topicalização de um constituinte da sentença que era completiva¹⁵ como mostram construtos do século XIX (16) e XX (17).

(16) - Por quê? É Mariazinha? - Não, Sinhá; é “sinhô” Ricardo, que chegou vivo! vivo! Sinhá! - Mentira, Rita! disse ela, sentando-se na cama com grande esforço. - Joaquim “viu ele” chegá na casa de morada de sinhô Antônio! - E onde está Joaquim? - Tá i, Sinhá. - Chame Joaquim. O preto já estava na sala. Ouviu e respondeu: - É de vera, Sinhá. “Chegou” há muito tempo, ele e Manuel Pedro. *O outro eu acho que morreu.* Mais sinhô Antônio não qué qui ninguém fale na rua. Dusá levantou-se, cambaleando de fraqueza. (PB, séc. XIX, CP, romance Maria Dusá, Lindolfo Rocha)

¹⁵ Para maiores informações sobre topicalização em construções complexas, conferir Gonçalves (2017).

(17) Aí, ele é ex-marido de J J ... separou, casou e não levou nem um mês, já separou, não deu certo não. Ela é novinha, ela tem quinze *eele acho que tá em torno de vinte, vinte e dois, vinte e três anos*, é mais novo do que eu (PB, séc. XX, PEPP, inf. 19, p. 7)

Note-se que, diferentemente do que é proposto por alguns representantes da abordagem da gramaticalização (THOMPSON; MULAC, 1991; FISCHER, 2007), assume-se aqui que não houve logo odesaparecimento do complementizador para a emergência de construções parentéticas epistêmicas de base clausal verbal. Uma evidência disso é que o complementizador ainda permanece em um dos subesquemas dessas construções - [(SUJ_{P1}) V_{Epist} QUE]_{Parent.} - no português contemporâneo (15), (17).

O padrão anterior ainda passa por outras mudanças construcionais - mais liberdade de posição sintática e ausência de complementizador -, o que implica um novo subesquema - [(SUJ_{P1}) V_{Epist}]_{Parent.}, atualizado, por exemplo, em microconstruções como *eu acho* (18), (19).

(18) DOC: Mas os pais sempre cobram.

12: *Mas sei lá, o meu eu acho cobra mais um pouco*, aí minha infância foi normal, sempre estudando [...] (PB, séc. XX, PEPP, inf. 12, p. 1)

(19)DOC: E você a, ainda hoje se encontra com ela? Já...

18: Encontro mas a raiva já passou já, *agora a gente é amigo, eu acho*. (PB, séc. XX, PEPP, inf. 18, p. 2)¹⁶

Convém destacar que não se registraram construtos instanciadores desse subesquema nos dados do século XIX. A esse respeito, Galvão (1999, p. 119), à luz da abordagem da gramaticalização, afirma que esse uso de **eu acho** emerge na segunda metade do século XX. A emergência desse subesquema serve como evidência empírica da afirmação de Traugott e Trousdale (2013, p. 16) de que as relações entre subesquemas podem mudar.

¹⁶ Optou-se pela repetição desse exemplo, anteriormente apresentado como (11), para que se possa comparar as diferentes posições ocupadas pelo subesquema [(SUJ_{P1}) V_{Epist}]_{Parent.}

Considerações finais

Este trabalho, fundamentado em pressupostos da Linguística Centrada no Uso, mostrou que construções parentéticas epistêmicas de base clausal verbal podem ser descritas em termos dos níveis de hierarquia construcional propostos por Traugott e Trousdale (2013): nesse caso, *(eu) acho que* e *(eu) acho*, atualizadas empiricamente por construtos, são microconstruções licenciadas, respectivamente, pelos subesquemas $[(\text{SUJ}_{P1}) V_{\text{Epist}} \text{QUE}]_{\text{Parent}}$ e $[(\text{SUJ}_{P1}) V_{\text{Epist}}]_{\text{Parent}}$, instanciadores do esquema representante de construções parentéticas epistêmicas de base clausal verbal.

Ademais, a análise aqui efetuada permitiu evidenciar, com base em dados empíricos do português, que, de fato, relações entre construções podem ser capturadas via rede de herança, permitindo apreender aspectos regulares e irregulares de cada uma (GOLDBERG, 2013, p. 21). Mais especificamente, defendeu-se que construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas como *eu achoque* e *eu acho* podem ser vistas como instanciações de mudança do esquema construcional $[[(\text{SUJ}_{P1}) V]_{\text{Matriz Epist Incerteza}} + [\text{Compl}] + [S]]$, formado por sentenças matrizes com sujeito e predicador verbal epistêmico e completiva finita em função de objeto direto, interligadas por complementizador. Espera-se, nas próximas etapas da pesquisa, poder refinar esta análise através da ampliação do *corpus* e da análise das outras microconstruções licenciadas pela rede das construções parentéticas epistêmicas em estudo.

Referências

- BRINTON, Laurel J., *The comment clause in English: syntactic origins and pragmatic developments* (Studies in English Language). Cambridge: Cambridge University Press, 2008. 280 p.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CAMPOS, Júlia Langer de; CEZARIO, Maria Maura; ALONSO, Karen S. B. Formação da construção Xmente. *D.E.L.T.A.* 33.1: 134-158, São Paulo jan./mar. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502017000100133&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 mai, 2017.

CARVALHO, Cristina dos Santos. *Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista*. 2004a. 251 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. Gramaticalização e contexto morfossintático: O que *acham, olham e dizem* os falantes soteropolitanos? In: LOPES, Norma da Silva; OLIVEIRA, Josane Moreira de; PARCERO Lúcia Maria de Jesus (orgs). *Estudos sobre o português do Nordeste: língua, lugar e sociedade*. São Paulo: Blucher, 2017. p. 83-106.

_____. Processos sintáticos de articulação de orações: algumas abordagens funcionalistas. *Veredas*, 8.1/2: 9-27, Juiz de Fora, jan/dez, 2004 b.

_____; SILVA, Elieda M. Usos do verbo *achar* na fala popular de Salvador: gramaticalização e contexto morfossintático. In: LOPES, Norma. S.; BULHÕES, Lígia P. L.; CARVALHO, Cristina dos Santos (orgs.). *Sociolinguística: estudos da variação, da mudança e da sócio-história do português brasileiro, sociolinguística paramétrica, sociofuncionalismo*. Feira de Santana: EDUEFS, 2013. p. 37-62

CASSEB-GALVAO, Vânia C.; GONÇALVES, Sebastião C.L. Modalidade e gramaticalização: os casos de *achar* e de *parecer*. *Estudos Linguísticos*, 30: 7p, Assis, 2001. CDROM

CASTILHO, Ataliba. T.; CASTILHO, Célia M.M. Advérbios Modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (org.). *Gramática do português falado*. v.2. 3.ed. São Paulo, Unicamp, 1996, p. 213-260

CEZARIO, Maria Maura. *Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos*. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001. 217 p.

_____; SILVA, Thiago; SANTOS, Monique. Formação da construção [XQUE]_{CONEC} no português. *E-scripta*. 6.3: 229-243, Nilópolis, setembro-dezembro, 2015.

CROFT, Wiliam. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

FISCHER, Olga. The development of English parentheticals: A case of grammaticalization? In Ute Smit et al., (eds). *Tracing English through Time: Explorations in Language Variation. A Festschrift for Herbert Schendl on the Occasion of his 65th Birthday*, 103-188. (Austrian studies in English 85). Vienna, Braumüller, 2007.

FITNEVA, Stanka A. Epistemic marking and reliability judgments: evidence from Bulgarian. *Journal of Pragmatics*, 33: 401-420, 2001.

FORTILLI, Solange de Carvalho; GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. Gramaticalização da construção 'é claro que': padrões na fala e na escrita. *Revista do GEL*, 10: 80-103, São Paulo, 2013.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional Centrada no Uso. In: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, CUNHA, Maria Angélica Furtado da (orgs.). *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-39.

GALVÃO, Vânia C. C. *O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. 167 p.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions*. A constructional grammar approach to argument structure. London: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions: a new theoretical approach to language. Trends in Cognitive Sciences*. v.7 n. 5: 219-224, Mai. 2003. p.

_____. Constructionist approaches. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2013. p. 15-31.

GONÇALVES, Sebastião C. L. Construções parentéticas epistêmicas em perspectiva construcional. *Gragoatá*, 38: 163-182, Niterói: 1. sem. 2015.

_____. Tópico marcado em construções complexas. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA FUNCIONAL. Natal, UFRN, 2017.

HEINE, Bernd. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (eds). *New reflections on grammaticalization*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins: 2002. p. 83-101.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993]. 276 p.

KALTENBÖCK, Günther. Processibility. In: AIJMER, Karin; RÜHLEMANN, Christoph. *Corpus Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 117-14.

LEHMANN, Cristian. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, John e THOMPSON, Sandra (eds) *Clause combining in grammar and discourse*. Philadelphia: John Benjamins, 1988. p. 181-225.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011. 136 p. (Coleção Leituras Introdutórias em Linguagem). 136 p.

NEVES, Maria Helena. A modalidade. In: KOCH, Ingedore G. V. (org). *Gramática do Português Falado*. v. 6 . Campinas: Unicamp/FAPESP, 1996. p. 163- 200.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do; OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, 60.2: 233-259, São Paulo, 2016. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5794-1608-1>. Acesso em 10 dez 2016.

THOMPSON, Sandra A.; MULAC, Anthony. A quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parentheticals in English. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.) *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. p. 313-329.

TRAUGOTT, Elizabeth C. Grammaticalization and Construction Grammar. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira (org.). *História do português paulista*. Campinas: UNICAMP/IEL, 2009. p. 91-101.

_____; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013. 278 p.

VOTRE, Sebastião Josué. In: VOTRE, Sebastião *et al.* *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 2004. p. 11-49.

YOON, Jiyoung. The Grammaticalization of the Spanish Complement-taking Verb without a Complementizer. *Journal of Social Sciences*, 11.3: 338-351, 2015.

FROM MATRIX CLAUSES TO EPISTEMIC PARENTHETICAL CONSTRUCTIONS: A CONSTRUCTIONAL APPROACH

ABSTRACT

Adopting the theoretical assumptions from Usage-Based Approach to language, this paper analyzes, from a constructional perspective, epistemic parenthetical constructions originated from clauses in Portuguese, especially those instantiated by *(eu) acho que e (eu) acho* ('I think'), concerning to levels of schematicity (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013).

KEYWORDS: Matrix clauses; epistemic parenthetical constructions; constructional approach.